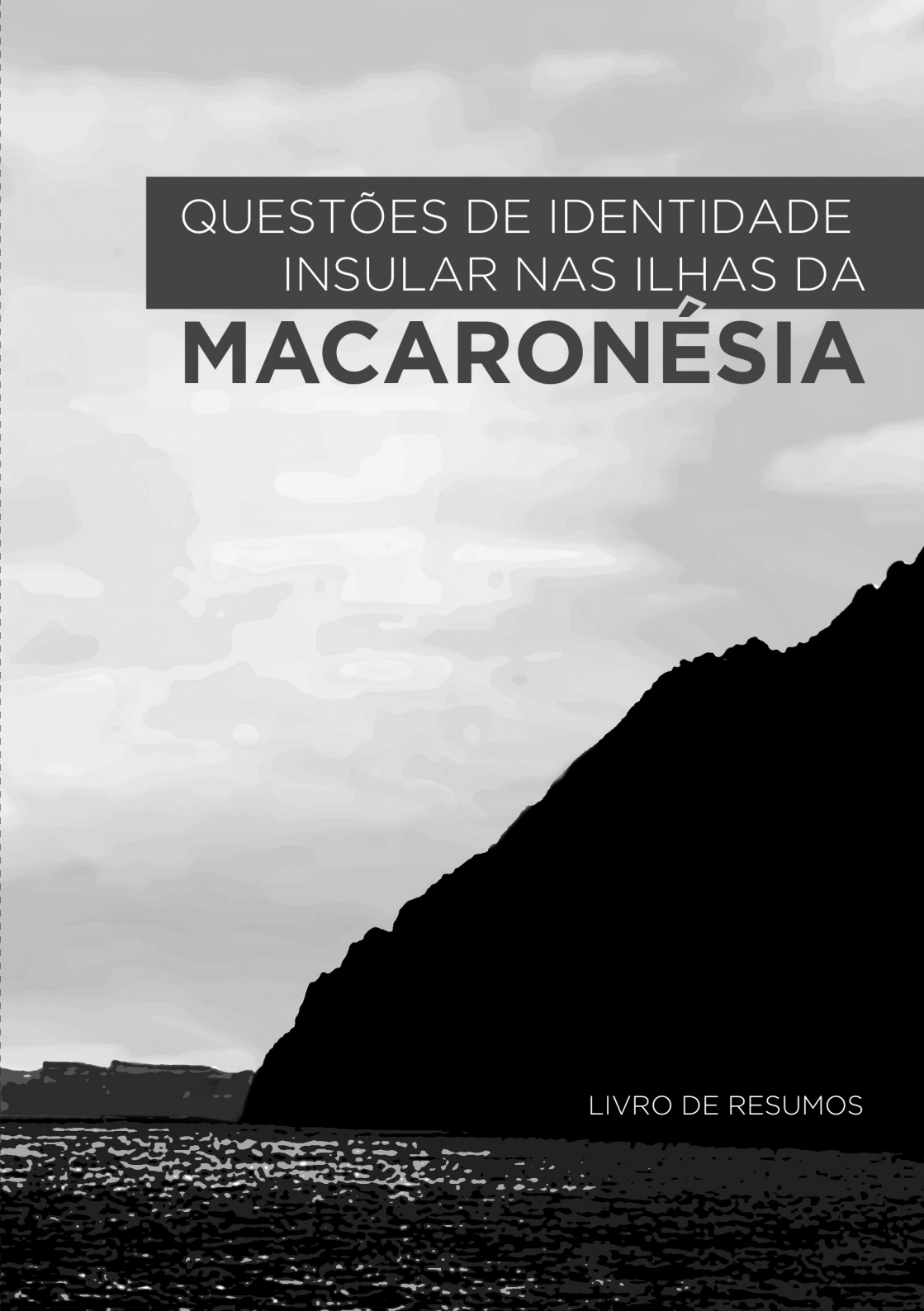
QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR NAS ILHAS DA MACARONÉSIA



LIVRO DE RESUMOS

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO

«QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR NAS ILHAS DA MACARONÉSIA»

Ponta Delgada – S. Cruz da Graciosa/Velas

2019

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO

«QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR NAS ILHAS DA MACARONÉSIA»

FICHA TÉCNICA

Local de Edição: Ponta Delgada

Edição: CHAM – Centro de Humanidades | Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores; DRC - Direção Regional de Cultura da Madeira, CEHA - Centro de Estudos de História do Atlântico Alberto Vieira

Coordenação da edição: Duarte Nuno Chaves

Autores: Vários

Data de Saída: Julho de 2019

Execução Gráfica: Nova Gráfica, Lda.

Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores. MC - Apoio à organização de reuniões científicas na RAA – 2019 PRO-SCIENTIA. Referência: M3.3.B/ORG.R.C./028/2019.

No âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência "M3.1.a/F/003/2016" do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

A responsabilidade pelo conteúdo dos resumos é única e exclusivamente dos autores.

Este livro não poderá ser reproduzido ou transmitido em qualquer formato ou por qualquer meio, sem autorização prévia da Comissão Organizadora do COLÓQUIO «QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR NAS ILHAS DA MACARONÉSIA».

Também disponível em: http://hdl.handle.net/10400.3/5100

ENTIDADES PROMOTORAS

Casa da Madeira nos Açores (CMA)

Centro de Estudos de História do Atlântico CEHA)

Centro de Humanidades (CHAM)

Misericórdia das Velas, S. Jorge (MV)

Museu da Graciosa

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Paula Diniz (CMA)

Cláudia Faria (CEHA)

Duarte Nuno Chaves (CHAM)

Frederico Maciel (MV)

Hugo Brás (CHAM)

Jorge Cunha (MG/DRC)

Wellington Nascimento (CHAM)

Apoios

Governo dos Açores
Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia

FRCT
FUNDO REGIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

SUMÁRIO

PROGRAMA 9

NOTA INTRODUTÓRIA 13

CONFERÊNCIA DE ABERTURA 17

1º PAINEL – VIAGENS E VIAJANTES E OS IMPACTOS NA DINÂMICA CULTURAL DOS INSULARES 21

2º PAINEL – DO POVOAMENTO DAS ILHAS – À CONSTRUÇÃO DE UM ITINERÁRIO INSULAR 29

3º PAINEL – TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS, ELEMENTOS DE IDENTIDADE DOS ILHÉUS 43

4º PAINEL – O PATRIMÓNIO MUSEOLÓGICO E ARQUIVÍSTICO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ARQUIPELÁGICA 57

PROGRAMA CULTURAL 77

PROGRAMA

1 DE JULHO (S. Miguel) – SALA GASPAR FRUTUOSO, CASA DA MADEIRA NOS AÇORES

18h00 – ***SESSÃO DE ABERTURA***

Conferência de Abertura

18h15 – ***Um canto à Ilha.*** Graça Alves, CEHA

3 DE JULHO (Graciosa) – SALA DE EVENTOS DO MUSEU DA GRACIOSA, ILHA DA GRACIOSA, AÇORES

1º Painel

VIAGENS E VIAJANTES E OS IMPACTOS NA DINÂMICA CULTURAL DOS INSULARES

Moderação de Duarte Nuno Chaves

21h00 – ***Graciosa e Porto Santo e "dos que vivem onde sopra o vento***. Cláudia Faria, CEHA

21h20 – ***Museus e Turismo Cultural: O caso do Museu da Graciosa***. Jorge Cunha, Museu da Graciosa

21h40 – ***A Graciosa na literatura de viagens.*** Susana Serpa Silva, CHAM Açores

22h00 – DEBATE

23h00 – ENCERRAMENTO

5 DE JULHO – SALA DO CABIDO DA MISERICÓRDIA DAS VELAS

2º Painel

DO POVOAMENTO DAS ILHAS À CONSTRUÇÃO DE UM ITINERÁRIO INSULAR

Moderação de Graça Alves

09h00 – ***La repoblación de Gran Canaria después de la conquista a finales del siglo XV. Aspectos humanos y políticos.*** Mariano Gabim, Universidad de La Laguna

09h20 – ***Distribuição de terras na Madeira e nos Açores: um modelo reinol com escala atlântica***. Rute Gregório**,** CHAM Açores

09h40 – ***Exogénesis e inclusión social en áreas de contacto: Los otros insulares en Canarias durante la primera mitad Seiscientos.*** Javier Santos, CHAM

10h00 – ***Uma aproximação ao mundo insular entorno da arquitetura em socalcos – Macaronésia***. Liliana Ferreira, CEHA

10h20 – ***La isla de San Borondón, un elemento de identidad atlántica desde la Edad Media hasta la actualidad.*** José Antonio González Marrero, UL

10h40 – DEBATE

10h50 – PAUSA PARA CAFÉ

3º Painel

TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS, ELEMENTOS DE IDENTIDADE DOS ILHÉUS

Moderação de Susana Serpa Silva

11h00 – ***Charamba, em busca de um futuro.*** Élia de Sousa**,** Associação Xarabanda

11h20 – ***Os cordofones do espaço Atlântico***. Wellington Nascimento, CHAM Açores

11h40 – ***Filarmónicas dos Açores: Património Identitário. O caso da Ilha de São Miguel***. José Andrade, CMPDL

12h00 – ***A Criação de Gado e as Expressões Orais: Breve Comparação do Volume I do Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo com o do Açores***. Naídea Nunes & Helena Rebelo, UMa

12h20 – DEBATE

12h30 – PAUSA PARA ALMOÇO

4º Painel

O PATRIMÓNIO MUSEOLÓGICO E ARQUIVÍSTICO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ARQUIPELÁGICA

Moderação de Sofia Lapa

14h00 – ***Museologia açoriana: uma aproximação biobibliográfica***. Maria Manuel Velasquez, DRAC Açores

14h20 – ***Viagem: do espaço cultual para o museu***. Rita Rodrigues, DRC Madeira

14h40 – ***Museu de Arte Sacra do Funchal: Memória, Identidade e Presença***. João Henrique Silva, MASF

15h00 – ***Arquivos açorianos: percursos patrimoniais e da valorização da memória insular***. Ana Cristina Moscatel**,** BPARPDL

15h20 – ***O Património Documental de Cabo Verde: caso do Museu de Documentos Especiais do ANCV***. Martinho Brito, ANCV

15h40 – ***La presencia de las mujeres en el cultivo y transformación del algodón a través del Fondo de la Compañía Algodonera de Canarias. Mercedes Chinea Oliva***, UL

16h00 – DEBATE

16h20 – ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

NOTA INTRODUTÓRIA

Este livro de resumos tem como principal objetivo proporcionar a todos os participantes do Colóquio «QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR NAS ILHAS DA MACARONÉSIA», bem como a todos os interessados na temática em questão, o acesso a uma síntese dos trabalhos de investigação apresentados no decorrer dos dias de trabalho, realizados em S. Miguel, Graciosa e S. Jorge, de 1 a 6 de julho de 2019.

O Colóquio «QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR NAS ILHAS DA MACARONÉSIA» ocorre na sequência da parceria mantida pelo CHAM – Centro de Humanidades da Universidade dos Açores e a Santa Casa da Misericórdia das Velas (MV), havendo resultado, desta cooperação, a concretização, desde 2011, de vários eventos culturais e científicos efectuados, usualmente, na ilha de S. Jorge, e de forma pontual em outras ilhas do arquipélago, como acontece, na presente edição, com atividades paralelas a realizar nas ilhas de S. Miguel e da Graciosa.

Será de frisar que, em 2016, foi iniciada uma parceria entre o CHAM Açores e o Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) tendo como consequência a realização de um colóquio, no mesmo ano, onde a temática proposta a debate visava promover e aprofundar uma reflexão crítica, em torno dos domínios da formação identitária dos arquipélagos dos Açores e Madeira. Este encontro teve uma "réplica" em 2018, na ilha da Madeira, precisamente no auditório do CEHA, com o contributo do Museu de Arte Sacra do Funchal, em que foi debatido o imaginário

histórico-cultural do mundo insular, através das suas memórias comuns e da consequente construção identitária (singular e coletiva). O objetivo proposto foi resgatar estas reminiscências e estabelecer diálogos, a partir de duas matrizes da alma do povo – a Religião e a Festa – abrindo assim a produção de conteúdos para o fenómeno do Turismo Cultural, motor da vida económica deste mundo das ilhas.

No seguimento destas duas reuniões científicas, o CHAM, em cooperação com o CEHA, Misericórdia das Velas, Museu da Graciosa e a Casa da Madeira nos Açores, lançaram o repto a um conjunto de investigadores na área das Ciências Sociais e Humanas, para que se reunissem nas ilhas de S. Miguel, Graciosa e S. Jorge, durante o mês de julho de 2019, no sentido de alargar este debate ao espaço geográfico da Macaronésia, de modo estabelecer e divulgar as similaridades entre os arquipélagos de Cabo Verde, Canárias, Madeira e Açores, estabelecendo, assim, diálogos em torno das questões de identidade insular nestas ilhas, através dos seus laços históricos, das suas afinidades geográficas e da própria identidade cultural que unem estas regiões insulares compostas por um total de 28 ilhas habitadas, extensível à Europa e a África.

A preocupação com a necessidade de criar um corpus historiográfico sobre esta temática, já havia sido evidenciada por Alberto Vieira num dos textos que apresentou, no nosso primeiro encontro, de 2016. Nesse texto, Alberto Vieira alertava para o papel de Gaspar Frutuoso (1522-1591) para a criação desse corpus historiográfico, insular e atlântico e para esta forte ligação arquipelágica e identitária, patenteada na sua importante obra, Saudades da Terra, sobre a História dos arquipélagos atlânticos (Canárias, Cabo Verde, Madeira e Açores), podendo ser considerado o precursor desta inovadora perspetivação da realidade histórica insular. Ele terá

sido ainda o pioneiro a evidenciar e delinear os traços comuns destas sociedades nascentes, tanto ao nível geográfico, como administrativo e económico. Na realidade, não estava equivocado quando tentou essa abordagem, pois os referidos arquipélagos pertencem à Macaronésia, ao mesmo tempo que fazem parte de um conjunto, que é o Atlântico e a Europa (Alberto Viera, 2016).

Em forma de conclusão, espera-se que o encontro reúna comunicações que reflitam a realidade insular, organizadas em quatro painéis temáticos: "O Turismo e os impactos na dinâmica cultural dos insulares"; "Do povoamento das ilhas à construção de uma identidade insular"; "As tradições associadas à música e às expressões orais, enquanto elemento identitário dos ilhéus"; "O papel do património museológico e arquivístico na preservação da memória arquipelágica".

Votos de um bom colóquio!

A Comissão Organizadora

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Casa da Madeira nos Açores

Ponta Delgada, 1 de junho de 2019

GRAÇA ALVES
CEHA/DRC-MADEIRA

Um canto à Ilha

Em dia 1 de julho, dia da Região Autónoma da Madeira, a nossa proposta é olhar para a sua História e entender a ilha como um lugar pioneiro do homem quinhentista cujo legado importa conhecer e preservar. Trata-se de uma viagem pela História e pela poesia.

Neste percurso pelo tempo - entre os séculos XV e XXI – apresentamos um lugar que antes de ser História, foi utopia, sacrário e paraíso. Falaremos dos caminhos que fizeram da Madeira o que ela é hoje; falaremos de uma consciência que, de tão insular, é cósmica, porque a ilha é o mundo inteiro e encerra, em si, todos os elementos que povoam o imaginário humano: o vento que vem do mar, o fogo do vulcão, a água das ribeiras e a terra que assume o lugar de corpo que se habita.

Nota Curricular:

Graça Maria Nóbrega Alves nasceu no Funchal. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e é professora do Ensino Secundário, requisitada pelo CEHA /DRC, onde tem desenvolvido projetos ligados à literatura e às histórias de vida – Memória das Gentes que fazem a História. É coautora da publicação Biblioteca Digital de Autores Insulares – Irene Lucília Andrade, 2011 e de Paisagens Literárias. (quadros da Madeira)

2012, CEHA; de Cartas no Intervalo da Guerra, 2015, CEHA; Eu tenho uma carta escrita, Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2018; Para uma História do Porto Santo (2018), CEHA, 600 anos e Tens Saudades minhas, 2018, CEHA, 600 anos. Tem artigos publicados em diversas revistas e em diversas publicações do CEHA. É autora de contos e de romances.

1º PAINEL

VIAGENS E VIAJANTES E OS IMPACTOS NA DINÂMICA CULTURAL DOS INSULARES

Museu da Graciosa

Sala de eventos do Museu da Graciosa, 3 de julho de 2019

Cláudia Faria
CEHA/DRC-MADEIRA

Título: ***Graciosa e Porto Santo e "dos que vivem onde sopra o vento"***.

Resumo:

São assim as ilhas. Estas ilhas. O Atlântico. A nossa proposta é fazer delas um caminho e nelas descobrir o fio com que se (des) cose a vida. As ilhas são mundos inteiros que cabem em espaços concentrados, bordados com as margens do mar. São assim a Graciosa e o Porto Santo, duas ilhas pequenas que a história irmana, nos ventos que fazem mover as velas dos moinhos, nas dores que sofreram em conjunto, em tempo de piratas e de corsários, no estar-assim pachorrento dos burros ou dos jericos que compõem as suas geografias, no sossego que as transporta para dentro.

Se todo o ilhéu não passa de um encalhado na praia – toalha estendida num chão de pedras e perdas (AGUIAR), e se tal como advoga Humberto Eco "as nossas fantasias sobre as ilhas se movem entre o mito de uma ilha que não existe (…) e o de uma ilha que existe demais", a verdade é que a Graciosa – sentada a ver o mar (MELO) e o Porto Santo – joia mais antiga de Portugal (MAX), exercem um fascínio ao qual não se pode ficar indiferente.

Nota Curricular:

Cláudia Maria Ferreira Faria, natural de Santa Luzia, Funchal, professora do ensino Secundário. Tem o Bacharelato em Técnicas de Turismo (ISAL) e licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade da Madeira (UMA). Frequentou o curso de mestrado em Cultura e Literatura Anglo-americanas (UMA) onde defendeu a tese intitulada *Phelps, Percursos de uma família britânica na Madeira de Oitocentos*, trabalho que foi publicado, em 2008, na coleção Funchal 500anos. É co-autora dos seguintes livros: Cartas no intervalo da Guerra, Eu tenho uma carta escrita publicados no âmbito do projecto Memórias das Gentes que fazem a História e de Para (um) a história do Porto Santo e Das Ilhas a primeira, ambos da coleção Madeira 600 anos.

Neste momento encontra-se destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) e é membro do Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) de Lisboa e do IABA (Association pour L'Autobiographie).

Jorge Cunha
Museu da Graciosa

Título: ***Museus e Turismo Cultural: O caso do Museu da Graciosa***.

Resumo:

Nos últimos anos, a cultura e o turismo assistiram a uma valorização importante, tendo surgido novas dinâmicas, produtos e serviços turísticos. Os Açores têm acompanhado estas novas tendências, nomeadamente o aproveitamento do património e a adaptação museológica a estas novas procuras.

As funções tradicionais dos museus estão a ser reinventadas. Hoje, o visitante e o turista gostam de lidar de perto com o património e não pretendem ser um agente passivo no decurso das visitas aos museus e ao seu território.

Paralelamente, à recolha, à conservação, à investigação, ao acolhimento de visitantes e atividades educativas, a aposta do Museu da Graciosa também tem sido na concretização de atividades culturais e dinamizadoras do sector turístico, criando uma ponte de equilíbrio entre o património, a museologia e o turismo, estabelecendo, muitas das vezes, parcerias com instituições e agentes culturais locais e do exterior, numa visão dinâmica do património natural e cultural.

Nota Curricular:

Jorge António de Medeiros Borges e Cunha, nasceu na Horta, na ilha do Faial, a 28 de Agosto de 1959, e reside desde criança em Santa Cruz da Graciosa, onde exerce o cargo de Diretor do Museu da Graciosa. É Licenciado em História, Pós-Graduado e Mestre Pré-Bolonha em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores. É Técnico Superior da Direção Regional da Cultura. Há mais de três décadas que tem tido uma participação ativa na comunidade graciosense, no estudo e divulgação do património cultural imaterial graciosense, promotor de centenas de eventos sócio-culturais e como sócio-fundador de várias associações de natureza diversa. Em termos associativos, como dirigente ou colaborador, tem exercido a sua ação nas áreas juvenil, desportiva, sociocultural e recreativa (educação, ambiente, museologia, teatro, dança, música tradicional e erudita, coros, filarmónicas, intercâmbios culturais e desportivos, entre outros). É autor de várias monografias, livros e artigos, apresentou diversos trabalhos e conferências em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Bélgica, Estados Unidos da América, Canadá e Brasil), nas áreas do associativismo juvenil e cultural. Foi sócio-fundador e Presidente da Direcção da Organização da Semana do Carnaval, durante 8 anos (1990-97); neste âmbito do carnaval, anualmente, realiza exposições e serviço educativo sobre esta temática.

Colabora regularmente com revistas, jornais, programas radiofónicos e televisivos sobre assuntos da sua especialidade. Desde 1989, como apresentador e em espectáculos diversos, apresentou centenas de eventos sócio-culturais em Portugal e no estrangeiro. No ano de 2006 e 2016, na V e XV Galas do Desporto Açoriano, foi condecorado pelo Governo Regional dos Açores, na categoria "Personalidades", como dirigente com mais de 20 e 30 anos dedicados à causa desportiva, respectivamente.

Susana Serpa Silva
CHAM - FCSH/NOVA - UAc

Título: ***A Graciosa na literatura de viagens.***

Resumo:

A ilha Graciosa é, no conjunto do arquipélago, uma das menos contempladas pela literatura de viagens relativa aos Açores de oitocentos. A sua dimensão e situação periférica não motivaram muitas visitas de estrangeiros, como aconteceu, por exemplo, com as ilhas do Triângulo. Por consequência, são restritos os relatos que retratam a ilha Branca, as suas paisagens, gentes e costumes. Procurando reunir o maior número possível de narrativas que, no século XIX, tenham resultado da passagem ou da estada de viajantes nesta ilha — como foi o caso, particular, do britânico Briant Barrett — pretende-se, com esta comunicação, contribuir para um melhor conhecimento da sociedade graciosense e da ilha, em geral, com base no olhar e no testemunho de forasteiros que a visitaram.

Nota Curricular:

Doutorada em História Contemporânea. Investigadora integrada do CHAM-Açores (CHAM – Centro de Humanidades – FCSH – Universidade NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores). Professora Auxiliar da FCSH da Universidade dos Açores. Atualmente exerce as funções de Diretora do Doutoramento em História Insular e Atlântica

(Séculos XV-XX) e do Doutoramento Internacional em Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico-Institucional. É subdiretora do CHAM-A e Vice-Presidente da Comissão Científica do CHAM - Centro de Humanidades. É investigadora colaboradora do LABIMI – Laboratório de Estudos de I(E)migração da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

2º PAINEL

DO POVOAMENTO DAS ILHAS À CONSTRUÇÃO DE UM ITINERÁRIO INSULAR

Sala do Cabido da Misericórdia de Velas

Velas, 5 de julho de 2019

Mariano Gabim García
Universidad de La Laguna

Título: ***La repoblación de Gran Canaria después de la conquista a finales del siglo XV. Aspectos humanos y políticos***.

Resumo:

Gran Canaria fue conquistada por los castellanos entre 1478 y 1483, bajo el reinado de los Reyes Católicos y teniendo como telón de fondo la guerra con Portugal. Al contrario de lo que se pueda pensar, los principales pobladores de la isla no fueron los conquistadores, ya que una gran parte se marchó al acabar la campaña militar, sino una oleada de repobladores que, poco a poco en los años siguientes, fueron estableciéndose en ella. Destacan por su importancia los castellanos y los andaluces, los habitantes de las otras islas canarias previamente conquistadas, los genoveses y los portugueses, además de los propios indígenas canarios que se mantuvieron en la isla o que regresaron tras unos años de exilio.

Además del interés por el grupo poblacional colonizador, en este trabajo estudiaremos cómo se organizaron políticamente y las peculiaridades de que disfrutaron en relación con otros lugares de la península. Porque en Canarias todo fue diferente a como había sido en la Castilla peninsular durante el siglo XV.

Nota Curricular:

Mariano Gambín García es Licenciado en Derecho (1988) e Historia (1998) y Doctor en Historia (2011) por la Universidad de La Laguna. Ha sido galardonado con varios premios de investigación histórica: Premio Extraordinario de Doctorado de la Universidad de La Laguna 2013 en Humanidades por su carrera académica y su tesis "La formación de las élites de poder en Canarias (1483-1530), el caso de Gran Canaria".

Premio especial del Cabildo de Gran Canaria de investigación histórica en las relaciones Canarias – América por su estudios En nombre del Rey. Los primeros gobernadores de Canarias y América (1478-1526) en el año 2005 y por La Aventura de don Pedro de Lugo, segundo adelantado de Canarias (1475-1536). Un conquistador, corsario y gobernador en Canarias y América, en el año 2011.

Premio Rumeu de Armas de Investigación Histórica 2011, otorgado por el periódico El Día de Santa Cruz de Tenerife por su artículo En busca de la torre perdida. El redescubrimiento de la torre de Santa Cruz de la Mar Pequeña en el Sáhara. La huella española y canaria más antigua en África.

Es autor de varios libros, de los que destacan La Vara y la Espada. Control y descontrol de los oficiales reales de Canarias después de la conquista (1480-1526); En nombre del Rey. Los primeros gobernadores de Canarias y América (1478-1526); El Ingenio de Agaete. Oro dulce en Gran Canaria a comienzos del siglo XVI; La torre de Santa Cruz de la Mar Pequeña. La huella más antigua de Canarias y Castilla en África; y La Aventura de don Pedro de Lugo, segundo adelantado de Canarias (1475-1536). Un

conquistador, corsario y gobernador en Canarias y América; La trastienda del poder. Una historia política de Gran Canaria (1478-1531).

También ha publicado más de cuarenta de artículos de la Historia de la colonización de Canarias en diversas revistas científicas canarias, españolas, africanas y americanas.

Rute Dias Gregório
CHAM - FCSH/NOVA – UAc

Título: ***Distribuição de terras na Madeira e nos Açores: um modelo reinol com escala atlântica*.**

Resumo:

O modelo de distribuição de terras, primeiro na Madeira e Açores e depois noutras áreas ultramarinas atlânticas portuguesas, desenvolveu um regime que remonta ao século XIV reinol. Que conhecimentos temos sobre este modelo? Quais as formas do seu desenvolvimento em tempos e espaços tão diversos? Que tipos de propriedade originaram? Estas são algumas das questões que pretendemos abordar na presente comunicação, fazendo um balanço dos conhecimentos e das investigações concretizadas até ao presente.

Nota Curricular:

Rute Isabel Rodrigues Dias Gregório nasceu no Uíge, Angola, em 1966. É Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História Filosofia e Artes da Universidade dos Açores e investigadora integrada do CHAM-Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores. Realizou profissionalização no ensino secundário, área de História, em 1992-1993. Fez Provas de

Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em 1998, com a dissertação Pero Anes do Canto: um homem e um património (1473-1556) [pub. 2001] e a aula pública "Nas franjas da sociedade medieval: problemáticas do estudo da marginalidade na Idade Média" [pub. 1998]. Doutorou-se em História, em 2006, com a tese "Terra e fortuna: os primórdios da humanização da ilha Terceira (1450?- 1550)" [pub. 2007]. Possui pós-graduação em Ciências Documentais e da Informação pela Universidade dos Açores (2008), tem um Master em Documentação pela Universidade de Alcalá de Henares (2011) [pub. 2015]. Foi diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada entre 01.10.2011 e 01.01.2017, e diretora da Biblioteca, Museu e Arquivo da Universidade dos Açores, entre 15.02.2017 e 31.08.2018. Dirige, atualmente, Serviço Diocesano dos Bens Culturais da Igreja – Diocese de Angra (Açores). Em representação da Diocese de Angra é membro do Conselho Regional de Cultura e da Comissão Consultiva do POTRAA (Plano de Ordenamento Turístico da RAA). Exerceu, entre 01.09.2018 e 01.03.2019, em regime de substituição, funções de deputada na Assembleia Legislativa Regional dos Açores. As suas principais áreas de investigação enquadram-se na História Económica e Social dos séculos XV e XVI, na História dos Açores (séculos XV-XVI) e na Arquivística Histórica (séculos XV-XX). Tem publicado vários livros e artigos em revistas da especialidade.

Javier Luis Álvarez Santos
CHAM - FCSH/NOVA – UAc

Título: ***Exogénesis e inclusión social en áreas de contacto: Los otros insulares en Canarias durante la primera mitad Seiscientos.***

Resumo:

Esta comunicación pretende analizar la formación de la sociedad insular macaronésica tomando como objeto de estudio a la isla de Tenerife durante la primera mitad del siglo XVII. Durante este periodo se produjo la consolidación de la Monarquía Hispánica en el Atlántico y con ello, la afirmación de las islas como espacios vertebradores de las relaciones transoceánicas.

A estos territorios insulares arribaron distintos contingentes poblacionales que forjaron la identidad de estas sociedades tan singulares. Todos estos colectivos tuvieron como denominador común que su origen era exógeno a las islas y, en su mayoría, su procedencia era continental. Sin embargo, al establecerse estos individuos en el espacio insular, sus intereses y necesidades se adaptaron al nuevo entorno geográfico y se estableció un pacto social para aprovechar la disposición de las Islas en medio del derrotero atlántico y también para garantizar la supervivencia de la nueva sociedad isleña. Surge así, la conformación de una identidad insular que se yuxtapone a las distintas identidades nacionales en las islas.

Nota Curricular:

Doctor en Historia Moderna con mención internacional por la Universidad de La Laguna y la Universidade Nova de Lisboa (2016). Premio Extraordinario de Doctorado. Actualmente es profesor asociado en el Departamento de Ciencias Históricas en la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria e investigador integrado del CHAM-Centro de Humanidades de la Universidade Nova de Lisboa. Es coordinador del subgrupo "História do Espaço Ibérico e ibero-americano (séculos XV-XIX)" en la referida institución. Ha impartido conferencias en España y Portugal. Ha realizado estancias en centros de investigación portugueses, tales como el Centro de Estudos de História do Atlântico y en el Instituto de Investigação Científica Tropical. Ha sido becario de investigación de la École des hautes études hispaniques et ibériques de la Casa de Velázquez y del CHAM-Centro de Humanidades. Entre sus publicaciones destacan las monografías Tenerife y la Unión Ibérica (Ed. Idea, 2011) y De la Historia Atlántica a la Nesología (IECan, 2018). También ha coordinado libros, como Historias de frontera. Fronteras con historia (CHAM, 2016) y Las identidades insulares en los espacios de frontera de la Monarquía Hispánica (IECan, 2018). Además, ha publicado numerosos artículos en revistas científicas, tanto nacionales como internacionales. Igualmente, ha coordinado y participado en eventos científicos tanto en España como en Portugal. Su investigación ha sido reconocida en el Premio de Investigación Viera y Clavijo de Humanidades (2018).

Liliana Ferreira
Universidade de Évora

Título*: Uma aproximação ao mundo insular entorno da arquitetura em socalcos – Macaronésia.*

Resumo:

A importância da arquitetura dos espaços de construção associados aos socalcos nas ilhas da Macaronésia, como são os casos das ilhas Canárias, Cabo Verde (ilha de Santo Antão), Açores (ilha de Santa Maria e Pico) e Madeira, têm um papel fundamental na forma de entender os territórios insulares, onde a pedra a água e aterra têm significados particulares na forma de "Construir, Habitar e Pensar" (Martin Heidegger 1951). Entender as relações estabelecidas entre a arquitetura, a agricultura, a infra-estrutura e o território em conjunto com a sua importância histórica, económica e cultural, e a ação transformadora que exercem sobre o território e a paisagem, torna pertinente e relevante o debate deste tema.

Nota Curricular:

Liliana Maria Andrade Ferreira nasceu na Venezuela em 1985. Mestre em Arquitetura pela Universidade de Évora em 2010. Em 2016, na mesma instituição, ingressa no curso de Doutoramento com o tema: "Infraestrutura e Território: a ilha da Madeira como Paisagem Tecnológica – o Poio".

Atualmente exerce profissão de arquiteta na Câmara Municipal do Nordeste, colabora com o Centro de Estudos de História do atlântico (CEHA) e é participante/organizadora, nos Açores e na Madeira, do IV Congresso Mundial ITLA- International Alliance for Terraced Landscapes.

Tem interesse pelas explorações insulares dos territórios da Macaronésia e paixão em estudar a paisagem cultural dos socalcos na ilha da Madeira, compará-la com o cenário das ilhas da Macaronésia, perceber a suas problemáticas e entender como oferecer um panorama de reflexão sobre a relação biunívoca entre CULTIVAR, HABITAR e PROJETAR em territórios em socalcos.

José Antonio González Marrero

Instituto de Estudios Medievales y Renacentistas

Universidade de La Laguna

Título*: La isla de San Borondón, un elemento de identidad atlántica desde la Edad Media hasta la actualidad.*

Resumo:

Este trabajo forma parte de una línea de investigación en la que hago relación de las incursiones marítimas de los santos viajeros irlandeses en el océano Atlántico entre los siglos VI y VIII. Uno de estos santos, San Brandán de Clonfert, paradigma identitario de la Irlanda medieval, se transforma en elemento identificativo de diversos puntos oceánicos, en especial en referencia de todo el conjunto insular que va desde Azores hasta Canarias. En este último lugar la repercusión de sus viajes queda patente en la isla de San Borondón, una isla cartografiada y descrita en la nebulosa de una leyenda que se extiende desde la Edad Media hasta nuestros días.

Nota Curricular:

José Antonio González Marrero (Adeje - Santa Cruz de Tenerife, 1966) es Profesor Titular de Filología Latina (2000) de la Universidad de La Laguna.

Su actividad docente (desde 1991) se ha centrado en la enseñanza de la Lengua y Literatura Latinas, tanto es su aspecto clásico como en las asignaturas de Latín Medieval, Latín Vulgar y Lingüística Latina.

Su investigación se enmarca dentro del Instituto Universitario de Estudios Medievales y Renacentistas (IEMyR) de la Universidad de La Laguna a través de dos grupos de investigación consolidados: LATINOARÁBICA: Textos y contextos del saber griego, latino y árabe y TRADYLAT: estudios lexicológicos, lingüísticos, métricos y traducciones de textos latinos.

Entre 1994 y 2019 ha publicado más de cuarenta de trabajos de investigación y ha dado a conocer sus estudios a través de más de 40 comunicaciones y conferencias en congresos nacionales e internacionales. Desde 2001 es investigador principal o investigador colaborador de distintos proyectos subvencionados por el Ministerio de Educación y Ciencia, el Gobierno de Canarias y el Cabildo de Gran Canaria, todos ellos relacionados con sus tres grandes líneas de investigación: "Transmisión de textos durante la Edad Media", "Viajes. Navegación medieval en el océano Atlántico" y "Textos latinos de cómputo".

Ha desempeñado los cargos de Secretario del Departamento de Filología Clásica y Árabe (9 de diciembre de 1998 a 13 de octubre de 1999) y Vicedecano de la Facultad de Filología (14 de octubre de 1999 a 20 de mayo de 2001). Desde abril de 2016 es Director de Fortunatae: Revista canaria de Filología, Cultura y Humanidades Clásicas. Es miembro de la Sociedad Española de Estudios Latinos (SELat), de la Sociedad Española de Estudios Clásicos (SEEC) y de la Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino (SISMEL).

3º PAINEL

TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS, ELEMENTOS DE IDENTIDADE DOS ILHÉUS

Sala do Cabido da Misericórdia de Velas

Velas, 5 de julho de 2019

Élia de Sousa
Associação Xarabanda

Título: ***Charamba, em busca de um futuro.***

Resumo:

Charamba, género musical da tradição madeirense, que urge ser registado, estudado e analisado enquanto elemento identitário da comunidade. É uma prática que está a cair em desuso e requer ser valorizada e salvaguardada. Esta é uma manifestação que segue os critérios impostos pela convenção da UNESCO 2003 para a Salvaguarda do Património Imaterial, principalmente estando em risco iminente de desaparecimento. Desta forma a Associação Xarabanda encetou o estudo do charamba, dando um contributo para a sua valorização e salvaguarda, sendo este considerado o primeiro passo para futuramente propor esta manifestação à inscrição na Lista de Património Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente do Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial. Com esta comunicação pretende-se dar a conhecer o trabalho desenvolvido na identificação e recolha deste património imaterial.

Nota Curricular:

Élia de Sousa é licenciada em Antropologia, pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Pós-graduada em Património Cultural Imaterial pela Universidade Lusófona. Trabalhou no Museu

Nacional de Etnologia, no Palácio Nacional de Queluz como Técnica de Serviços Educativos onde desenvolveu programas na área da Educação Patrimonial e da Animação Sócio Cultural. Foi Mediadora Cultural para os Parques de Sintra - Monte da Lua/ Palácio Nacional de Queluz.

Publicou, em 2009, Património Industrial e Pré-industrial de Montijo: da obra à memória e, em 2010, Património Náutico-Piscatório de Montijo, História e Oralidade na Coleção de Estudos Locais da Câmara Municipal de Montijo com a Editora Colibri. É Sócio Fundador da Associação Portuguesa de Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Fundador/ Administrador da página de facebook sobre o Património Cultural Imaterial da R.A.Madeira. Socio colaborador da Associação Musical e Cultural Xarabanda.

Wellington Nascimento
CHAM - FCSH/NOVA – UAc

Título: ***Os cordofones do espaço Atlântico***.

Resumo:

A Viola e outros cordofones foram transportados pelos Portugueses para os Açores, Ilha da Madeira, Cabo Verde e Brasil, tornando-se bastante comuns entre as populações do espaço Atlântico. Podemos dizer que, devido a importância destes instrumentos na música portuguesa do período das grandes navegações (séculos XV e XVI), eles também chegaram a Angola, na África, Goa e Macau, na Ásia, e no Havaí. Estes cordofones possuíam características semelhantes as violas actuais e tiveram grande importância na música popular da península ibérica durante toda a Idade Média e moderna, constando em fontes iconográficas dos séculos XV ao XVIII, e em relatos poéticos e literários os mais diversos.

Nota Curricular:

Licenciado em Património Cultural pela Universidade dos Açores e Mestre em Património Museologia e Desenvolvimento pela mesma Universidade, Doutorando em História da Arte pela Universidade de Évora. É músico profissional, assistente de investigação do CHAM – Centro de Historia de Aquém e Além-Mar da UAç e Univ. Nova de Lisboa e investigador colaborador do CHAIA – Centro de História de Arte e Investigação

Artística da Universidade de Évora. É Formador na Rede Valorizar, coordena projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial, junto às escolas do Ensino Básico e Secundário no arquipélago dos Açores, e desenvolve ainda atividades de investigação nas áreas do Património, Museologia e Musicologia.

José Andrade
Câmara Municipal de Ponta Delgada

Titulo: ***Filarmónicas dos Açores: Património Identitário. O caso da Ilha de São Miguel.***

Resumo:

A primeira vez que se ouve uma Banda de Música atuar nos Açores terá sido a 22 de fevereiro de 1832. Composta por 13 elementos, desembarca dos navios de D. Pedro que passavam por Ponta Delgada a defender o trono de Portugal para a sua filha D. Maria.

A ilha de São Miguel organiza depois as suas próprias filarmónicas, não apenas em Ponta Delgada, mas também na Ribeira Grande e Lagoa: a Sociedade Phylarmonica Michaelense (1845), a Charanga Militar do Batalhão de Caçadores e a Banda Harmónica Recreativa dos Artistas Michaelenses (1846), a Sociedade Escholastica Philarmonica (1849), a Banda Lyra Lagoense (1850).

A música filarmónica chega à ilha Terceira em 1850 (com a Recreativa, em Angra do Heroísmo), à ilha de São Jorge em 1854 (com a União Popular, na Ribeira Seca), à ilha do Faial em 1858 (com a Artista Faialense, na Horta), à ilha de Santa Maria em 1860 (com a Marcial Mariense, em Vila do Porto), à ilha do Pico em 1864 (com a Liberdade Lajense, nas Lajes), à ilha Graciosa em 1868 (com a Graciosense, em Santa Cruz), à ilha das

Flores em 1875 (com a Amizade, em Santa Cruz) e à ilha do Corvo em 1918 (com a União Musical Corvina).

Desde a pioneira micaelense de 1845, são fundadas nos Açores mais de 180 bandas filarmónicas e mais de metade ainda consegue resistir. Da centena persistente, cerca de 40 já são centenárias e, de entre estas, uma dezena ultrapassa mesmo os 150 anos de existência.

Hoje, em todas as ilhas, subsistem 104 filarmónicas ativas, mobilizando mais de 4.000 músicos amadores: 36 em São Miguel, 25 na Terceira, 15 em São Jorge, 13 no Pico, oito no Faial, quatro na Graciosa e uma em Santa Maria, Flores e Corvo. Registamos, nos Açores, uma filarmónica por cada 2.000 habitantes, quando a média nacional é de uma por 17.000. E verificamos mesmo, por exemplo, que duas pequenas freguesias do concelho da Calheta de São Jorge (Topo e Santo Antão), somando pouco mais de 1.000 habitantes, conseguem manter quatro filarmónicas ativas.

As bandas filarmónicas são, assim, a expressão mais representativa da cultura popular açoriana. Propomo-nos, por isso, apresentar o seu percurso histórico no Arquipélago dos Açores e desenvolver o seu retrato sociológico na Ilha de São Miguel.

Nota Curricular:

José Andrade nasceu em 1966, na cidade de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, Região Autónoma dos Açores. É licenciado em Ciências Sociais e integra o quadro de pessoal da RTP/Açores. Atualmente, exerce as funções de Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de

Ponta Delgada e de Presidente da Comissão Municipal de Toponímia, Distinções Honoríficas e Património Cultural. Anteriormente, exerceu, entre outras, as seguintes funções institucionais e associativas:

Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores; Vereador da Cultura e Ação Social da Câmara Municipal de Ponta Delgada; Presidente da comissão executiva da Sociedade Coliseu Micaelense; Presidente da ARDE – Associação Regional para o Desenvolvimento; Diretor da Minha Terra – Federação Nacional das Associações de Desenvolvimento Local; Presidente da Comissão Municipal de Toponímia de Ponta Delgada; Director-geral da Sociedade Coliseu Micaelense; Chefe de gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada; Adjunto parlamentar na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores; Assessor de imprensa do Presidente do Governo Regional dos Açores; Adjunto do Subsecretário Regional da Comunicação Social; Diretor Editorial da Letras Lavadas Edições; Presidente da Região Açores da Associação Internacional de Lions Clubes, entre outros. É autor de mais de duas dezenas de livros versando a história e cultura micaelense.

Naídea Nunes & Helena Rebelo
Universidade da Madeira

Titulo: ***A Criação de Gado e as Expressões Orais: Breve Comparação do Volume I do Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo com o do Açores.***

Resumo:

Apresenta-se o primeiro volume, publicado pela Direcção Regional de Cultura (DRC) da Região Autónoma da Madeira (RAM) em 2018, do Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo (ALEMPS), em comparação com o dos Açores (ALEAç). Nos dois arquipélagos, este volume é dedicado à criação de gado. Cartografa o léxico e a fonética de dados, resultantes de expressões orais, relacionados com 1) o gado bovino, ovino e caprino, 2) o leite e os derivados, 3) o porco e a matança. A obra completa do ALEMPS e do ALEAç resulta das gravações realizadas nos arquipélagos madeirense e açoriano pela equipa do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) para o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. A nível de estrutura, estes Atlas são constituídos por nove volumes temáticos. Quanto ao conteúdo de cada volume, há mapas lexicais, com indicação dos pontos geográficos onde decorreram as gravações do inquérito aplicado. Os dados vêm com transcrição fonética, acompanhados por comentários aos conceitos cartografados. A fim de melhor compreender este trabalho de investigação, realiza-se uma breve apresentação deste tipo de estudo linguístico e do ALEMPS em comparação com o ALEAç. Pela importância que assumem ambos

os atlas na Linguística e na Etnografia dos arquipélagos insulares, para a preservação da Identidade e do Património Culturais do Mundo Atlântico, realçam-se expressões orais presentes no volume I, dedicado à criação de gado nestas ilhas portuguesas da Macaronésia.

Notas Curriculares:

Helena Rebelo é docente na Universidade da Madeira desde 1998, sendo licenciada (1990) e mestre (1997) pela Universidade de Coimbra. Possui uma qualificação em Ciências da Educação pela Universidade Aberta (1999). Doutorou-se em Linguística Portuguesa (2005), na Universidade da Madeira, e concluiu, na Universidade de Aveiro, um pós-doutoramento (2011). Desenvolve investigação na área da Linguística Portuguesa, tendo participado em vários encontros científicos. Os seus trabalhos, incluindo livros, estão publicados a nível regional, nacional e internacional. Faz parte do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro e do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL) da Universidade da Madeira. Integra a equipa do Projecto Internacional Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico (AMPER). Colabora com o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa na feitura do Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo (ALEMPS). Está ligada a associações nacionais e internacionais relacionadas com a Língua Portuguesa, nomeadamente, desde 2006, a Associação Internacional de Lusitanistas. Durante vários anos, foi cronista em diversas publicações, continuando a colaborar na revista Et Al da AAUMa (Associação Académica da Universidade da Madeira). Foi uma das vencedoras do Prémio Maria Aurora da Câmara Municipal do Funchal.

Naidea Nunes Nunes é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês) e mestre em Linguística Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É doutorada em Linguística Românica pela Universidade da Madeira e pós-doutorada em Ciências da Linguagem e Linguística Aplicada pelo Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA) da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona (Espanha). É membro investigador do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL) da Universidade da Madeira. É membro colaborador do Projeto Turismo da Universidade da Madeira, integrado no polo da rede nacional CiTUR (Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo) e do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), no Projeto Nona Ilha.

4º PAINEL

O PATRIMÓNIO MUSEOLÓGICO E ARQUIVÍSTICO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ARQUIPELÁGICA

Sala do Cabido da Misericórdia de Velas

Velas, 5 de julho de 2019

Maria Manuel Velasquez
DRAC Açores

Titulo: ***Museologia açoriana: uma aproximação biobibliográfica.***

Resumo:

A existência de museus nos Açores é centenária e o seu percurso comporta experiências duradouras e efémeras, dispersas por todas as ilhas. A constituição de museus continua, na atualidade, a animar organismos públicos e entidades privadas, autarquias, empresas e particulares, para o que se tem contado com um elenco de atores com motivações, visões e formações muito diversas. Essa riqueza é, contudo, mal conhecida, e muitas experiências e as personalidades que lhes estão associadas, bem como a bibliografia que produziram, não se constituem em repositório de conhecimentos que faculte uma visão abrangente sobre a forma como a musealização da Memória açoriana se foi constituindo. Uma proposta de biobibliografia da museologia açoriana tem como objetivo construir e facultar um conhecimento preciso e atualizado das personalidades ligada à museologia açoriana, e contribuir para uma maior compreensão da história dos museus nos Açores.

Nota Curricular:

Nota biográfica - Maria Manuel Velasquez Ribeiro. Licenciada em História e Pós-Graduada em História Insular e Atlântica, Mestre em Museologia.

Técnica Superior do Museu de Angra do Heroísmo, tem como principais áreas de investigação a história da museologia açoriana e os processos de patrimonialização de bens, as dinâmicas do coleccionismo privado e, dentro dele, a construção de discursos identitários, temas sobre os quais tem publicado vários estudos e artigos. É responsável pelo projeto Collectio que, no âmbito do Instituto Histórico da Ilha Terceira, instituto de que é sócia efetiva, procede ao levantamento e estudo do coleccionismo privado terceirense entre meados dos séculos XIX e XX.

Rita Rodrigues
DRC Madeira

Titulo: ***Viagem: do espaço cultual para o museu.***

Resumo:

Os conventos masculinos e femininos na Ilha da Madeira sofrerem, como aconteceu no contexto nacional português, as consequências das políticas liberais, entre as quais a extinção das Ordens Religiosas, na sequência da «Reforma Geral Eclesiástica», por ordem do então Ministro e Secretário de Estado, Joaquim António de Aguiar, executada pela «Comissão da Reforma Geral do Clero», entre 1833 e 1837, cumprindo o decreto publicado a 30 de Maio de 1834. Também na Madeira os conventos masculinos tiveram encerramento imediato, enquanto os femininos ficaram sob a custódia dos respectivos bispos, sendo previsto o seu encerramento aquando da morte da última freira, situação que não ocorreu tão linearmente.

Na Madeira foram realizados inventários, uns exaustivos e outros elementares, sendo ordenada a distribuição de alfaias litúrgicas, imaginária e pintura dos conventos extintos por algumas igrejas e capelas mais necessitadas, e o restante deveria ser incorporado nos «Próprios da Fazenda Nacional». Refira-se, ainda, a venda em hasta pública de muitas peças dos conventos madeirenses, mantendo-se ainda hoje em colecções privadas um considerável património artístico.

Devido ao abandono dos conventos, que em alguns casos culminou mesmo em demolição, como é o caso dos conventos funchalenses, São Francisco, Encarnação e Mercês, e Nossa Senhora da Piedade, em Santa Cruz, assim como o desmantelamento de capelas, oratórios e outras dependências conventuais, e, ainda, a distribuição de peças por diversos templos madeirenses, torna-se complexo a determinação exacta da origem de muitas obras hoje nas reservas ou expostas nos museus regionais. No entanto, algumas obras, incorporadas no espólio do Museu de Arte Sacra do Funchal, do Museu Quinta das Cruzes e da Casa Museu - Frederico de Freitas, estão identificadas como provenientes de conventos masculinos (São Francisco; São Bernardino) e de conventos femininos (Santa Clara; Encarnação; Mercês).

Apresentaremos algumas obras (religiosas e artísticas), originárias de conventos madeirenses e hoje em contexto museográfico, que testemunham a complexa e turbulenta viagem de um espaço cultual para o museu.

Nota Curricular:

Possui doutoramento em Estudos Interculturais pela Universidade da Madeira com a tese «A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira, entre 1646 e 1750: A eficácia da imagem» (2012); mestrado em História / variante História da Arte, pela Universidade da Madeira, com a tese «Martim Conrado, "insigne pintor estrangeiro" - Um pintor do século XVII na Ilha da Madeira» (2000); e licenciatura em Artes Plásticas / Pintura pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (1986).

Desenvolve investigação na área da pintura, imaginária e talha dos séculos XVI-XIX, e da encomenda artística, no Arquipélago da Madeira.

É autora de artigos em dicionários, revistas, catálogos e guias patrimoniais, sobre História da Arte (Artes Plásticas), Educação (Artes Visuais) e Poesia.

É investigadora integrada do centro de investigação ARTIS do Instituto de História da Arte / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. É docente do ensino secundário do grupo 600 (Artes Visuais) da Escola Secundária Francisco Franco (Funchal) e encontra-se em regime de requisição na Direcção Regional da Cultura / Direcção de Serviços de Museus e Património Cultural desde 2015.

João Henrique Silva
Museu de Arte Sacra do Funchal

Titulo: ***Museu de Arte Sacra do Funchal: Memória, Identidade e Presença.***

Resumo:

Instalado num edifício do século XVIII, que foi Paço Episcopal, o Museu de Arte Sacra do Funchal reúne uma herança patrimonial e artística proveniente, na sua grande maioria, de igrejas e outros espaços diocesanos.

A coleção de Arte Sacra é constituída por diversas categorias de objetos (ourivesaria, escultura, têxteis, mobiliário, pintura) que atravessam um arco temporal de mais de cinco séculos. Através deles, podemos aceder a todo um conjunto de narrativas que remetem e se confundem com a própria história do Arquipélago da Madeira, designadamente os testemunhos do universo das primitivas invocações religiosas trazidas pelos colonos para as ilhas, ou as encomendas artísticas que foram sendo realizadas a oficinas nacionais e estrangeiras por tantas figuras históricas que marcaram a sociedade e a Diocese do Funchal nos diferentes períodos.

Merecem especial referência a coleção de pintura flamenga, proveniente das relações comerciais com a Flandes durante o período áureo açucareiro, e o conjunto de obras de ourivesaria seiscentista, com destaque para a grande Cruz Processional encomendada para a Sé pelo Rei D. Manuel.

O Museu é um polo cultural de referência no panorama regional, desenvolvendo uma programação própria a vários níveis, com destaque para as exposições temporárias, as suas Conferências anuais e os serviços educativos: uma programação sempre em articulação com os principais parceiros institucionais e com os diversos agentes culturais. No fulcro da ação, procura-se recolocar o Museu como presença forte na Cidade, em que a arte e a memória trazem mais identidade às iniciativas do presente.

Nota Curricular:

João Henrique (Gonçalves da) Silva é licenciado em Teologia pelo Instituto de Ciências Humanas e Teológicas do Porto (1979). Mais tarde, fez licenciatura (1987) e mestrado (1997) em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa, tendo defendido dissertação subordinada ao tema "Literatura e Conhecimento do Sujeito na Modernidade". Na sequência dessa investigação, viria a publicar a sua tese sob o título Essa Coisa que nos Olha no Espelho. René Girard e uma leitura girardiana de um romance de Milan Kundera (Porto, UCP, 1998).

Trabalhou no Jornal da Madeira de 1985 a 1996, tendo exercido, de forma sucessiva, as funções de redator, chefe de Redação e Editorialista. Voltaria ao mesmo jornal como Diretor, no período compreendido entre Maio de 2003 e Novembro de 2004.

Em anos diferentes da sua vida profissional, foi professor eventual no ensino secundário. Mais tarde, lecionou, durante alguns semestres, disciplinas do Curso de Ciências Religiosas, a convite da UCP - Extensão do Funchal.

De Dezembro de 1996 a Abril de 2003, e de Dezembro de 2004 a Abril de 2015, exerceu as funções de Diretor Regional dos Assuntos Culturais (DRAC) do Governo da Região Autónoma da Madeira.

Desde Março de 2016, é Diretor do Museu de Arte Sacra do Funchal.

Ana Cristina Moscatel
BPARPDL

Titulo: ***Arquivos açorianos: percursos patrimoniais e da valorização da memória insular.***

Resumo:

Os arquivos são, pelos seus atributos definidores, espelho e património das comunidades que os produzem, mas podem ser, e normalmente são-no, património de todas as realidades que com essas comunidades produtoras interagem. São registo, memória e fonte para a produção historiográfica e para a construção e/ou definição cultural. Neste sentido, gozariam, juntamente com as produções artísticas, móveis e imóveis, e mesmo com a imaterialidade, de um estatuto patrimonial que geraria investimento, divulgação e educação. Não obstante, o conceito de 'património' quando aplicado à realidade documental, leia-se aos arquivos, carece ainda de enfase, nas esferas públicas e institucionais, e de consubstancialização.

Esta comunicação pretende, no âmbito do acima exposto, abordar a política arquivística açoriana nos últimos 50 anos, no sentido de lhe encontrar um percurso na consubstancialização patrimonial dos arquivos locais, bem como no intuito de analisar de que forma, e por que meios, essa política arquivística tem contribuído para a valorização da memória e para a construção de conhecimento sobre a(s) realidade(s) insular(es).

Nota Curricular:

Ana Cristina Moscatel Pereira nasceu na ilha de São Miguel (Açores / Portugal) em 1979 e, de maio de 2014 à presente data [em licença], é Chefe da Divisão de Arquivo na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, colaborando com a Universidade dos Açores na lecionação de unidades curriculares da licenciatura em História. É igualmente Assistente de Investigação do CHAM – Centro de Humanidades, centrando o seu trabalho em torno dos arquivos e seu estudo, bem como da história açoriana e atlântica no século XIX. É licenciada em História (Universidade dos Açores, 2001), Pós-Graduada em Ciências Documentais / Variante Arquivo (Universidade dos Açores, 2003) e Mestre em História Insular e Atlântica: séculos XV a XX (Universidade dos Açores, 2012). Presentemente é doutoranda em História Insular e Atlântica na Universidade dos Açores e bolseira de doutoramento da FCT (SFRH/BD/138077/2018).

Martinho Brito
ANCV

Titulo: ***O Património Documental de Cabo Verde: caso do Museu de Documentos Especiais do ANCV.***

Resumo:

A nossa apresentação gravita à volta do tema "Os museus e os Arquivos na construção da memória dos arquipélagos da Macaronésia", detentores de memórias coletivas históricas dos ilhéus que enformam a comunidade macaronésica. Efetivamente, os museus e os arquivos, em termos concetuais, evoluíram e muito desde dos séculos XVII a XXI, no entanto, a consolidação dessas noções universais, quer do museu, em que o Comité Internacional dos Museus (ICOM) 37 definiu "… como uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição", quer do Arquivo, que por sua vez o Conselho Internacional dos Arquivos (ICA) circunscreve como sendo "conjunto ordenado de documentos que uma sociedade, uma instituição ou uma pessoa que elabora no âmbito das suas atividades e funções". Os museus e arquivos, enquanto espaços de produção e transmissão de conhecimentos, incorporam conjunto de ideários societal e cultural que fazem o network intercultural e intra-comunidades, passível de representar a memória histórica coletiva desses ilhéus nos seus fechados, cerado de mar e Céu. No caso de Cabo Verde,

não obstante, a criação do Arquivo Histórico Nacional em 1988 e do seu respetivo Museu de Documentos Especiais (MED), em 1991, o grosso do seu acervo museológico é composto pelos fundos arquivísticos mais emblemáticos que estão à sua custódia. Acervo esse que é constituído pelos seguintes tipos de coleções: filatélica, numismática, notafilia, iconográfica e cartográfica. Filatelia, conjunto de selos de Cabo Verde, antes e depois da Independência, envelopes do primeiro dia de circulação produzidos depois de 1975, fichas de carimbos comemorativos, boletim informativo dos CTT. Notafilia – notas de papel a partir de 1958 e da República de Cabo Verde, a partir de 1975. Numismática - Moedas portuguesas, dos reinados de D. Luís I e de D. Carlos I e também da República, que circularam em Cabo Verde até 1930 (data a partir da qual a então colónia passou a ter moeda própria), moedas da República de Cabo Verde a partir de 1975. E Iconografia e Cartografia – Peças antigas e modernas, do antes e depois da independência de Cabo Verde.

Em suma, todos esses testemunhos museológicos e arquivísticos marcam, indelevelmente, os momentos históricos da nação caboverdiana, que fazem partes, por um lado, da vivência e convivência das comunidades de língua portuguesa e no limite da macaronésia, constituídas por três países: Cabo Verde, Espanha e Portugal e quatro arquipélagos, de Cabo Verde, Canárias, Madeira e Açores.

Nota Curricular:

Martinho Robalo de Brito é cabo-verdiano, licenciado em Antropologia pela UNL-FCSH, 2000, mestre em Gestão do Património, pela UNI-CABO VERDE, 2012, doutorando em História pela UÉVORA, desde

2016/17, CONSERVADOR do Arquivo Nacional de Cabo Verde (ANCV, 2018-19), Técnico Superior Especialista e Consultor e Investigador Sénior do Instituto do Património Cultural de Cabo Verde (IPC, 2000) e Docente Universitário (desde 2000).

Foi Diretor da Salvaguarda do Património do Instituto de Investigação do Património Cultural de Cabo Verde, de 2001 a 2010.

Participou e foi palestrante, conferencista em várias Palestras, Conferências, bem como Encontros e Fóruns Nacionais e Internacionais, com vários trabalhos e artigos publicados, em Cabo Verde.

Mercedes Chinea Oliva
Universidade de La Laguna

Título: ***La presencia de las mujeres en el cultivo y transformación del algodón a través del Fondo de la Compañía Algodonera de Canarias***.

Resumo:

Esta comunicación forma parte del proyecto de investigación en el que desarrollamos nuestra tesis doctoral sobre la presencia de las mujeres en los procesos de cultivo y transformación de productos de exportación e industriales en la vertiente sur de la isla de Tenerife (Islas Canarias) entre 1900 y 1965. De entre los cultivos industriales nos ocuparemos del algodón, auspiciado por las políticas autárquicas del franquismo hasta los años 60. Así, desde 1948 hasta 1964, la Compañía Algodonera de Canarias lideró la 12ª zona algodonera promocionando el cultivo del algodón primero y estableciendo los medios para su tratamiento y transformación en hilo mediante la instalación y puesta en funcionamiento de la Desmotadora y la Hilatura en el barrio de Taco (Santa Cruz de Tenerife). Tanto el cultivo del algodón como los trabajos de desmotación y su transformación en hilos de distintas clases constituyeron una actividad altamente feminizada que rastrearemos en las distintas áreas que componen el fondo documental de la Compañía Algodonera de Canarias depositado en el Archivo Histórico Provincial de Santa Cruz de Tenerife.

Nota Curricular:

Mercedes Chinea Oliva (Arona - Santa Cruz de Tenerife, 1969) es Licenciada en Geografía e Historia por la Universidad de La Laguna. Máster en Archivística por la Fundación Carlos de Amberes y la UNED, Máster en Conservación, Gestión y Difusión del Patrimonio por la UOC y Experto en Gestión del Patrimonio Arqueológico por la UOC. En la actualidad realiza su tesis en el marco del Programa de Doctorado "Islas Atlánticas: historia, patrimonio y relaciones jurídico-institucionales" de la ULL. Su proyecto de investigación analiza el papel de las mujeres en el ámbito de los cultivos de exportación desarrollados en el Sur de Tenerife entre 1900 y 1965. Asimismo, también ha desarrollado su labor investigadora en diversos aspectos de la historia contemporánea del Sur de Tenerife diversas publicaciones: estudio del Censo de la Población de Arona de 1920, las bases sociales de los poderes locales en Arona (1850-1960); aspectos de la Segunda República en Arona; las formas de represión tras el alzamiento del 18 de julio en Arona; las mujeres jornaleras del tomate en Arona y, aspectos etnográficos de los juguetes en el espacio rural.

PROGRAMA CULTURAL

3 de julho

22h30, Sala de Eventos do Museu da Graciosa, ilha da Graciosa, Açores

Momento musical "O Cancioneiro Açoriano". Atuação do «TRIO MUSICAL GRACIOSENSE»

«O povo açoriano tem na oralidade, uma das suas mais ricas expressões culturais. Com efeito, há todo um saber empírico transmitido, de memória em memória, ao longo de séculos. Basta uma leitura de superfície ao cancioneiro, ao romanceiro e ao adagiário recolhidos nos Açores para percebermos como lá estão traduzidos e refletidos a idiossincrasia, a memória, os costumes, as tradições, os sentimentos e os preconceitos morais do nosso povo.» (Dores, 2013)

No seguimento da exortação da identidade insular, a atuação do "Trio musical graciosense" pretende dar a conhecer um elemento primordial da memória das gentes das ilhas. O trio surgiu em 2019, e apresenta temas do cancioneiro açoriano, é de cariz mais intimista, revela-se num espaço mais familiar e próximo do ouvinte. É constituído por Edite Ávila (violão e voz), Tiago Pavão (viola e voz) e Jorge Cunha (voz e percussão), pessoas com participação em vários grupos musicais (música e canto).

4 de julho

17h00, Sala do Cabido da Misericórdia das Velas, S. Jorge, Açores

Lançamento do livro «MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR: Religiosidade, Festividades e Turismo nos arquipélagos da Madeira e Açores»

No seguimento da realização do colóquio «QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR NAS ILHAS DA MACARONÉSIA», o CHAM Açores vai lançar o livro «MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR: Religiosidade, Festividades e Turismo nos arquipélagos da Madeira e Açores». Este evento acontece no âmbito de uma parceria entre o Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), unidade de investigação da Secretaria Regional do Turismo e Cultura, do Governo Regional da Madeira e o CHAM - Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores.

O trabalho agora apresentado é constituído por 29 artigos, que percorrem o imaginário histórico-cultural do mundo insular açoriano e madeirense e das interligações culturais, existentes desde os primórdios do povoamento destes arquipélagos. Esta identidade alimenta-se, em grande parte, de memórias comuns que constroem a sua semelhança (singular e coletiva). Resgatá-las e interpretá-las é um dos objetivos deste desta publicação que pretende, em alguns momentos, estabelecer diálogos, a partir de duas matrizes da alma do povo – a Religião e a Festa – que abrem caminho para o desenvolvimento do Turismo, motor da vida económica deste mundo das ilhas.

5 de julho

18h00, Ginásio das valências de Infância da Misericórdia das Velas, S. Jorge.

Momento teatral "A Mulher Ilhéu"

Actuação do [Grupo de Teatro da Santa Casa da Misericórdia das Velas.

Peça de teatro *A Mulher Ilhéu*

"A Mulher Ilhéu" é um projeto cultural organizado pelo Grupo de Teatro da Santa Casa da Misericórdia da Vila das Velas de São Jorge. Este sarau artístico baseia-se no papel feminino da mulher das ilhas, sendo cada uma das quatro mulheres a representação de cada um dos arquipélagos da Macaronésia. O objetivo deste espetáculo é a partir da História desde o povoamento dos arquipélagos até à contemporaneidade, transmitir os valores e contornos da identidade insular, conjugando os pontos em comum entre os quatro e demonstrar também as suas diferenças. Assim sendo, podemos ao longo do espetáculo desfrutar de momentos relacionados com os comportamentos humanos, a música, a gastronomia e a tradição oral, tendo os Açores o papel anfitrião em relação à Madeira, às Canárias e a Cabo Verde.

O Grupo de Teatro da Santa Casa da Misericórdia da Vila das Velas

O Grupo de Teatro da Santa Casa da Misericórdia da Vila das Velas formou-se em 2013, com a vinda de uma estagiária de Animação Cultural licenciada em Teatro para esta instituição. Juntaram-se então

vários funcionários desta Santa Casa apreciadores da Arte e da Cultura locais para o desenvolvimento deste projeto. A primeira peça estreou a 21 de Março de 2014, de seu nome "Talula", uma comédia ligeira sul-americana feita só por mulheres da instituição. No entanto é em 2015 que o Provedor desta casa lança o grande desafio, converter a obra "Reminiscências Velenses" de João Duarte de Sousa num espetáculo de Teatro de Rua que ocupou a Rua Maestro Francisco de Lacerda, desde o Jardim da República à Praça da Matriz. Para este espetáculo, que foi o de maior envergadura, a Misericórdia abriu as suas portas à comunidade e contou com a participação de 83 pessoas na organização e desempenho desta peça que se estreou no dia 23 de Abril daquele ano, dia de S. Jorge: "Voluntatis". Outros projetos se seguiram, a peça "As Troianas" de Eurípedes, adaptada a Teatro de Rua na Vila das Velas em 2016, em 2017 o espetáculo original "Misericórdia Que Somos Todos Iguais!" sobre o papel das Misericórdias na sociedade ao longo dos tempos e, por fim, em 2018 o espetáculo original "EI-Migrante", um trabalho que condensou a dança, o teatro, a poesia e a música numa ode à migração açoriana. Ao longo destes anos, este grupo também se ocupou da elaboração de um Bailinho de Carnaval à maneira terceirense juntando funcionários e utentes da Santa Casa, assim como também se ocupou da recriação da Lenda de S. Jorge, direcionada aos utentes desta instituição. Para 2019, estão em preparação os saraus "Os Barcos de Dona Baleia" e "A Mulher Ilhéu".

6 de julho

21h00, Museu Vivo do Franciscanismo, Ribeira Grande, S. Miguel

Concerto da "Orquestra de Ponteado" da Associação Musical e Cultural Xarabanda

Projeto da Associação Musical e Cultural "Xarabanda", orientado pelo professor Roberto Moniz, visa promover e valorizar a prática dos cordofones tradicionais madeirenses (braguinha, rajão e viola d'arame), através da interpretação de um repertório que combina tradição com outros géneros de música como Pop, Rock, entre outros, sempre numa tentativa de explorar novas potencialidades sonoras e técnicas destes instrumentos. No seu repertório conta também com composições originais e arranjos dos elementos que a constituem. Surgiu da união de jovens músicos, alunos da Escola de Cordofones Tradicionais Madeirenses da Associação Musical e Cultural Xarabanda e fez a sua primeira apresentação, a título experimental, a 04 de Abril de 2009, com uma atuação para pais e amigos no Auditório da RDP – Madeira. Em Julho de 2009, participou no "Festival Raízes do Atlântico", apresentando-se como um dos projetos inovadores da Madeira. Ainda no mesmo ano (Dezembro de 2009) participou na gravação de um DVD a convite do Grupo Emperium; realizaram algumas atuações em conjunto, unindo os cordofones tradicionais a uma Banda de Rock Progressivo. Gravou dois temas tradicionais e alguns dos seus elementos gravaram composições originais e tradicionais. Conta com a participação no programa da RTP2, A MÚSICA PORTUGUESA A GOSTAR DELA PRÓPRIA, intitulado: "A Ilha dos Cordofones", um documentário sobre as práticas musicais na Madeira. Atualmente tem participado em programas de televisão, eventos de solidariedade social, entre outros.

O Colóquio «Questões de Identidade Insular nas Ilhas da Macaronésia» ocorre na sequência da parceria mantida pelo CHAM e a Santa Casa da Misericórdia das Velas (MV), havendo resultado desta cooperação a concretização, desde 2011, de vários eventos culturais e científicos efectuados, usualmente, na ilha de S. Jorge, e de forma pontual em outras ilhas do arquipélago dos Açores, como acontece na presente edição com actividades paralelas a realizar nas ilhas de S. Miguel e da Graciosa. Para 2019 e no seguimento destas reuniões científicas, o CHAM, em cooperação com o Centro de Estudos de História do Atlântico, Misericórdia das Velas, Museu da Graciosa e a Casa da Madeira nos Açores, lançaram o repto a um conjunto de investigadores na área das Ciências Sociais e Humanas, para que se reunissem nas ilhas de S. Miguel, Graciosa e S. Jorge, durante o mês de Julho, de 2019, no sentido "cruzar" a produção de conhecimento científico sobre o espaço geográfico da Macaronésia, de modo contribuir para o estudo das similaridades existentes entre os arquipélagos de Cabo Verde, Canárias, Madeira e Açores, estabelecendo, assim, diálogos em torno das questões de identidade insular nestas ilhas, através dos seus laços históricos, das suas afinidades geográficas e da própria identidade cultural que une estas regiões insulares, compostas por um total de 28 ilhas habitadas, extensível à Europa e a África. Espera-se que o encontro reúna comunicações que reflictam a realidade arquipelágica, organizadas em quatro painéis temáticos: «O Turismo e os impactos na dinâmica cultural dos insulares»; «Do povoamento das ilhas à construção de uma identidade insular»; «As tradições associadas à música e às expressões orais, enquanto elemento identitário dos ilhéus»; «O papel do património museológico e arquivístico na preservação da memória arquipelágica»

Organização:
CHAM AÇORES
CEHA CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO
Misericórdia das Velas
MUSEU DA GRACIOSA
CMA
Câmara Municipal RIBEIRA GRANDE
MUSEU VIVO do FRANCISCANISMO

Apoios:
Governo dos Açores
Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia
FRCT FUNDO REGIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia